ilustrada

MÚSICA
Maestro italiano Claudio Abbado morre aos 80 anos, em Bolonha
Pág. E3 ▶

COUTINHO
Uma desilusão e um reencontro feliz entre as obras no cinema
Pág. E8 ▶

Ilustração Eder Galvão

OS HOMENS QUE ROUBAVAM LIVROS

Sem a atenção do Estado e visados por colecionadores, publicações raras e documentos históricos são alvos de quadrilhas

RAQUEL COZER
COLUNISTA DA **FOLHA**

Acervos de livros raros nem sempre recebem do Estado a atenção devida, mas são mina de ouro para quem entende do assunto. A combinação desses fatores, descaso e valor, leva a crimes milionários.

Exemplo notório disso ocorreu em 2012, quando o italiano Marino Massimo de Caro foi preso por furtar mais de mil livros da Biblioteca Girolamini, instituição napolitana da qual tinha sido nomeado diretor meses antes.

No Brasil, bibliotecários e investigadores afirmam que furtos e roubos de livros raros se multiplicaram em dez anos, embora não seja possível mensurá-los —sobretudo devido ao silêncio de vítimas, que não raro só descobrem os crimes quando as obras reaparecem.

Mais de dez grandes casos foram noticiados no país desde 2003. Em vários, há um denominador comum, segundo os investigadores: um ex-estudante de biblioteconomia acusado de comandar uma quadrilha em todo o país (veja alguns casos abaixo).

Esse cenário que tem como predadores amantes dos livros, gente que em teoria gostaria de preservá-los, inspirou a americana Allison Hoover Bartlett a escrever "O Homem que Amava Muito os Livros", lançado pela Seoman no último semestre.

O livro acompanha, ao longo da última década, a história do ladrão John Charles Gilkey e do "bibliodetetive" Ken Sanders. "Em séculos de furtos do gênero, os grandes criminosos foram clérigos ou bibliotecários, gente apaixonada por livros. Uns fazem isso por dinheiro; outros, pela impressão de que os colegas não lhes dão o devido valor", diz a jornalista à **Folha**.

Gilkey tem como alvo vendedores de livros raros e como método o uso de números de cartões de crédito alheios. Foi preso e solto mais de uma vez, e sempre se beneficiou do sigilo que os colecionadores, constrangidos pelos furtos, mantêm sobre os casos.

ÁPICE

"O ano de 2003 não é apenas um ápice [no roubo de obras raras no Brasil]. Há ali uma alteração de perfil", escreveu a pesquisadora Beatriz Kushnir, diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, em artigo de 2009.

Referindo-se à descoberta, pela Polícia Federal, do furto de 2.000 itens do Itamaraty, no Rio, em 2003, ela diz que o caso "aponta para um novo alvo: papéis históricos, mais fáceis de transportar."

"Até chegar a livros e documentos, há uma evolução. No roubo de arte sacra, é mais fácil mapear a origem. Livros e documentos são suportes com mais de uma cópia, o que facilita a desova da mercadoria", afirma Kushnir à **Folha**. Ela fez pós-doutorado no tema depois que, em 2006, descobriu um furto de mais de 3.000 itens do Arquivo Geral.

Parte do acervo levado, como 87 gravuras de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), reapareceu em 2007, quando foi preso pela segunda vez o homem que delegados da PF definem como o maior criminoso do gênero no país hoje.

BANCA DE LIVROS

Laéssio Rodrigues de Oliveira, 41, estudou biblioteconomia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e, no início dos anos 2000, teve uma banca de livros usados perto da Biblioteca Mário de Andrade.

Foi detido pela primeira vez em 2004, após denúncia de um vendedor que comprara dele, por R$ 2.000, "De Medicina Brasiliensi" (1648), de Willem Piso. O livro, avaliado em até R$ 70 mil, pertencia ao Museu Nacional.

Quando a polícia localizou Laéssio, achou com ele itens de instituições como o Arquivo Histórico de Blumenau e a Mário de Andrade. Meses depois, estava em liberdade.

"Creio que 90% dos casos de furto do gênero no Brasil têm a ver com Laéssio e a quadrilha dele. Comete de furtos, passando-se por pesquisador, a assaltos", diz o delegado da Polícia Federal Fabio Scliar, que afirma ter interceptado cartas dele, de dentro da prisão, a comparsas de vários Estados.

Também delegado da PF, Alexandre Saraiva, responsável pela investigação que resultou na segunda prisão de Laéssio em 2007, destaca o conhecimento demonstrado por ele —tanto sobre obras quanto sobre o funcionamento de instituições—, o que o leva a crer que haja ajuda de funcionários nos crimes.

Dessa prisão, por tentativa de assalto à Casa de Rui Barbosa (em 2008, ainda detido, ele foi condenado por furto no Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico), Laéssio foi libertado no final de 2012.

Meses depois, Beatriz Kushnir recebeu cinco pacotes, com o nome do escritor João do Rio (1881-1921) como remetente, com alguns dos livros furtados em 2006 no Arquivo Geral.

"Minha hipótese é que há um depósito onde ele guarda o que não conseguiu comercializar. Espero que seja possível localizar esse depósito. Lá estará o acervo de várias instituições", diz.

Saraiva diz que é preciso que as instituições reforcem sua segurança. E ressalta a necessidade de se investigar os receptadores —em geral, "pessoas de classe altíssima".

"Esse tipo de crime acontece sob encomenda." Muitas vezes, o material sai do país.

Laéssio responde hoje a mais de dez inquéritos. Após quase um ano em liberdade, foi detido novamente no fim de 2013, acusado de ser o mentor de um assalto à mão armada ao Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA) de Campinas. Está hoje no Centro de Detenção Provisória de Hortolândia.

› OUTRO LADO ‹

'É praxe acusar Laéssio de todo e qualquer roubo'

DA COLUNISTA DA **FOLHA**

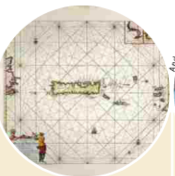
Procurado pela **Folha**, Laéssio Rodrigues de Oliveira respondeu, via Coordenadoria de Unidades Prisionais da Região Central do Estado de SP, "não [ter] interesse em conceder qualquer tipo de entrevista a esse jornal, referente aos motivos de sua prisão ou qualquer outro fato".

Ele está preso desde 18 de novembro no Centro de Detenção Provisória de Hortolândia, acusado de organizar um assalto à mão armada contra o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

Até outubro, o acusado era representado pelo advogado José Clevenon Alves Bezerra, que disse à **Folha**, por carta, ter se afastado do caso após a Polícia Civil de Campinas indiciá-lo, "indiretamente, como associado criminosamente a Laéssio". Sobre o excliente, diz que "já é praxe das polícias (Civil e Federal) acusarem Laéssio de todo e qualquer roubo ou furto de obras de arte e livros raros".

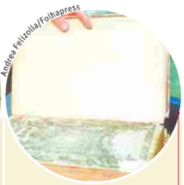
"Após um roubo contra o Instituto de Botânica da USP [em 2012], Laéssio foi acusado de mentor intelectual, mesmo estando preso em Bangu em regime fechado, e diversos meios de comunicação, inclusive a **Folha**, publicaram matérias acusando-o, sem qualquer prova, de comandar crimes de dentro da cadeia." (RC)

FORA DA ESTANTE
Mapa de grandes roubos de livros registrados desde 2003


Fotos Reprodução

PALÁCIO DO ITAMARATY, NO RIO

QUANDO Antes de julho de 2003
COMO FOI Não se sabe. O caso veio à tona meses depois
O QUE FOI ROUBADO 60 documentos cartográficos e mais de 2.000 documentos iconográficos, avaliados em mais de R$ 1,5 milhão
O QUE FOI RECUPERADO Partes de dois atlas do século 17 foram devolvidas pelo correio. Em 2006, a polícia recuperou nove gravuras de um **atlas** de 1712 do Johanes van Keulen (1654-1715)— podem valer mais de R$ 18 mil cada
INVESTIGAÇÕES As gravuras estavam com um parente de um restaurador que disse tê-los guardado para a quadrilha de Laéssio Rodrigues de Oliveira; ele responde a processo


Andrea Felizolla/Folhapress

MUSEU NACIONAL DA UFRJ, NO RIO

QUANDO Entre novembro de 2003 e janeiro de 2004
COMO FOI Foi descoberto por acaso. Um usuário pediu o **livro "De Medicina Brasiliensi"** (1648), de Willem Piso, e ele não estava na caixa. A biblioteca encontrou 12 caixas vazias e livros sem páginas
O QUE FOI ROUBADO Mais de 1.400 itens, incluindo 13 livros inteiros dos séculos 16 a 20
O QUE FOI RECUPERADO Uma pequena parte. Um vendedor devolveu um livro de Piso que comprara por R$ 2.000 (o volume é avaliado em até R$ 70 mil) e denunciou Laéssio
INVESTIGAÇÕES Em maio de 2004, após denúncia do vendedor, Laéssio foi preso, mas solto pouco depois. Os processos estão em andamento

ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

QUANDO Junho de 2006
COMO FOI Um funcionário percebeu a ausência de uma foto e um inventário apontou a ausência de documentos
O QUE FOI ROUBADO Cerca de 3.000 itens, incluindo 87 gravuras de Debret, edições da "**Revista Ilustrada"** e "O Cruzeiro", entre outros
O QUE FOI RECUPERADO As gravuras foram localizadas em 2007. Em 2013, a instituição recebeu documentos, enviados por correio em pacotes
INVESTIGAÇÕES Os itens foram encontrados no hotel em que Laéssio se hospedava após ele e três suspeitos serem detidos pela Polícia Federal, que investigava uma tentativa de assalto à Casa de Rui Barbosa, em 2007

CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES (CCLA), EM CAMPINAS

QUANDO 8 de agosto de 2013
O QUE FOI ROUBADO Dezenas de obras, muitas do **acervo do presidente Campos Sales** (1841-1913), e quadros
COMO FOI Cinco bandidos armados fizeram reféns, enquanto recolhiam itens numa sala nos fundos da biblioteca
O QUE FOI RECUPERADO Os quadros foram encontrados com os suspeitos, mas os livros, segundo um deles, já estariam na Europa na ocasião
INVESTIGAÇÕES Laéssio e três suspeitos foram presos em flagrante quando, segundo a Polícia Civil de Campinas, tentavam roubar peças de arte sacra em Piracicaba. Laéssio está no CDP de Hortolândia sob acusação de ser o mentor